



Nota de Abertura

ESCOLA E DEMOCRACIA: a inclusão educativa em debate

Entendo que o debate sobre a Escola não deve assentar em reflexões ingénuas ou heroicas já que, em sociedades democráticas, se espera que as escolas assumam projetos de educação escolar que assentem em princípios e pressupostos nucleares que sejam congruentes com os compromissos e os valores que devem nortear a vida no seio de tais sociedades recusando entender as escolas reduzidas a espaços de reprodução cultural para uns e/ou a espaços de redenção social para outros.

Muitas vezes as escolas contemporâneas debatem-se entre projetos que tendem a desvalorizar as suas finalidades educativas face às suas finalidades sociais enquanto resposta que, sob a capa da sua afirmação como um espaço inclusivo e democrático, contribui para definir essa mesma escola como um contexto em que, para alguns dos seus alunos, habitualmente oriundos de contextos de vida marcados por diversas vulnerabilidades, se afirma mais pelas suas preocupações de natureza filantrópica do que por preocupações de carácter cultural.

A Escola compromete, assim, os propósitos da universalização do sucesso escolar devido às manifestas dificuldades em lidar com alunos que são oriundos dos estratos socialmente mais desfavorecidos; a resposta a essas dificuldades, sobretudo em escolas, que se situam em comunidades marcadas pela pobreza e pela exclusão, tende a configurar o sucesso escolar desses alunos a partir de outros critérios, onde a dimensão cultural do processo de formação tende a ser minorizada para se valorizar um hipotético e duvidoso sucesso ao nível da integração social desses mesmos alunos. De acordo com esta estratégia, considerar-se-ia, então, que os resultados académicos daqueles alunos constituem como que um problema menor dado que, face à ausência de condições e de estímulos por parte do meio familiar e das comunidades em que estes alunos se inserem, seriam os objectivos relacionados com o desenvolvimento de competências relacionais, elegendo o campo das atitudes e dos comportamentos no seio das escolas, que importa valorizar, enquanto atitudes e comportamentos preditores da possibilidade destas crianças e jovens se enquadrarem de forma mais ordeira e “bem comportada” na sociedade onde se inserem desinvestindo da promoção de aprendizagens significativas afastando-as irremediavelmente de um conhecimento culturalmente validado.

Entendo ser esta uma questão que merece ser objeto de uma discussão inadiável já que poderemos estar perante um acontecimento educativo perverso, quando o tipo de respostas que as escolas encontram para fazer face às dificuldades de aprendizagem das crianças e dos

jovens em risco de fracasso escolar deixam de ser desafiantes em termos culturais para poderem alimentar a ilusão de um sucesso meramente estatístico.

Assim a Escola, ao desvalorizar o desenvolvimento de um conjunto de competências cognitivas, relacionais e éticas que se entendem como necessárias à vida numa sociedade que se assume quer como uma sociedade democrática, quer como uma sociedade do conhecimento, comprometeria os alunos na possibilidade de se autonomizarem do ponto de vista intelectual e cívico remetendo-os para o exercício de uma cidadania mitigada.

Importa afirmar a Escola como uma instituição decisiva em sociedades democráticas já que esta pode assumir-se como uma instituição politicamente influente quando se torna capaz de contribuir, de facto, para que os seus alunos tenham oportunidade de se apropriar de um património de informações, de instrumentos, de procedimentos e de atitudes culturalmente validadas que deverão constituir-se como condição do processo de afirmação e desenvolvimento das crianças e dos jovens no seio dessa mesma sociedade.

Não se pode dissociar a dimensão cultural da dimensão da formação pessoal e social dos alunos no seio das escolas, não só porque tal formação não é exequível se não se valorizar a dimensão cultural dos projetos de educação escolar; a formação pessoal e social dos alunos como dimensão transversal que as escolas deverão assumir não se pode circunscrever ao domínio das competências psicológicas, sociais e relacionais, nem tão pouco pode ser dissociada do contacto com os dispositivos culturais em função dos quais não só modelamos a nossa visão sobre mundo, como o interpretamos e nos tornamos mais capazes de agir sobre ele.

Entendo que para compreendermos melhor o presente e o futuro da Escola como uma instituição educativa de central importância não passa por a entender como uma instituição confinada à redenção social de muitos dos alunos que a frequentam, mas depende antes da sua afirmação como um pólo de desenvolvimento cultural, de tal modo que importa considerar que a Escola só pode honrar os seus compromissos políticos e sociais na medida em que souber honrar os seus compromissos educativos.

Ariana Cosme
IGEC